

O efeito da vacina nos negócios é evidente, segundo comerciante

O dono do Pizza à Bessa, Paulo Bessa, contratou 15 pessoas nos últimos seis meses e tem a intenção de contratar mais 10 neste segundo semestre. O empreendimento, que tem 22 anos de existência e três lojas em Brasília, teve de demitir várias pessoas do seu quadro de funcionários na pandemia.

As demissões ocorreram porque o forte do restaurante, segundo Paulo, é o salão. Ou seja, o rodízio de pizza. Dessa forma, o rendimento caiu muito durante o lockdown. “Meu trabalho de delivery representa somente 10% do meu faturamento”, expõe o empresário.

Agora, o negócio de Paulo Bessa está se restabelecendo. O empreendedor explica que, em seu restaurante, há uma política de contratar aquele que está no começo de carreira ou buscando o primeiro emprego. De acordo com ele, dentro do próprio restaurante, oferece a “escolinha de pizzaiolo” para que os profissionais iniciantes possam se capacitar.

“Trabalhamos muito com família, não temos um ambiente muito alcoólico, fazemos um direcionamento para esse tipo de profissional, que saiba lidar

com esse tipo de cliente”, conta o dono do Pizza à Bessa.

Para Paulo, o aumento do movimento ter crescido no restaurante é efeito da vacina. “Trabalho com o pessoal mais jovem, e eles estavam evitando sair para não contaminar pais e avós. Agora, com a vacina, têm menos receio de ir para os lugares”, explica. “A vacina está sendo muito importante nesse momento”. Houve contratações de diversos profissionais: pizzaiolo, ajudante de cozinheiro, auxiliar administrativo e garçom.

Esse é o caso de Larissa Patrício, 22 anos, natural de Campina Grande (PB), mas que mora em Brasília desde 2019. Com menos de dois meses vivendo na capital federal, conseguiu um emprego que durou até meados de 2020. Em maio de 2021, depois de oito meses desempregada, a auxiliar administrativa finalmente conseguiu uma

colocação no restaurante.

A campinense conta que não foi fácil ser admitida. “Fiquei um bom tempo entregando currículos, tantos que perdi a conta. Fui chamada para três entrevistas, mas nenhuma delas era para cargos efetivos, e, sim, para freelancer ou contratos intermitentes. Trabalhei como freelancer em redes de fast food para poder pagar as contas. Também realizava trabalhos com artesanatos para complementar a renda”, diz.

A falta de confiança dos empresários, em meio à pandemia, diante de decretos de fechamento e abertura dos comércios, dificultou a busca de Larissa por uma vaga. O medo das empresas era de contratar a jovem e ocorrer um novo lockdown. O risco era sempre iminente, segundo ela.

Passado o sufoco, a auxiliar administrativa pretende se organizar financeiramente. “Quero me aperfeiçoar nas funções do meu trabalho atual e procurar cursos profissionalizantes. São muitos planos, mas em relação ao trabalho, esses são os principais”, garante.

Diversos garçons começaram a trabalhar no estabelecimento nos últimos meses. Um deles é Luiz Miller, 26, que, boa parte da vida, se ocupou de garçom, mas também fez trabalhos de servente de pedreiro e auxiliar de cozi-

Fotos: Arquivo Pessoal



Antes de entrar no Pizza à Bessa, Luiz Miller vivia de bicos

nha. Segundo ele, antes do Pizza à Bessa, estava desempregado havia um ano.

Ele trabalhava em um restaurante/boteco de Luziânia, mas, com a pandemia, o local fechou. Apesar de ser uma profissão que estava longe de ser considerada essencial, Luiz continuava querendo atuar como garçom, porque esse é o seu interesse.

“Eu ganho melhor nesse novo emprego, sou muito bem tratado. É aquele emprego que

você se sente bem recompensado pelo trabalho duro que teve”, afirma Luiz. Antes disso, ele trabalhava fazendo bicos para se sustentar, mas nenhum deles chegou a ser um emprego de carteira assinada.

O cenário atual do restaurante em que ele trabalha conta com seis garçons, além dele, e um copeiro. “Nesse final de semana começou outro pizzaiolo. Acredito que a tendência é que a cada semana melhore, pois dia após dia vem tido maior necessidade de mão de obra”, conclui o garçom.

“Fui chamada para três entrevistas, mas nenhuma delas era para cargos efetivos, e sim para freelancer”

Larissa Patrício,
auxiliar administrativa

